



CULTURA E CIÊNCIA

N.º 9 – ano de 2007

**CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2007**

CASTANHEIRO DO VENTO

(HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA):

BREVE RELATÓRIO DA CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO

DE 2006.

Vitor Oliveira Jorge¹
João Muralha Cardoso²
Ana Margarida Vale³
Gonçalo Leite Velho⁴

Introdução

A nona campanha de escavações arqueológicas no sítio de Castanheiro do Vento realizou-se durante os meses de Julho e Agosto de 2006 (de 3 de Julho a 26 de Agosto), com a participação de alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Universidade de Leicester (Reino Unido), assim como de numerosos voluntários de diversas nacionalidades.

Ao abrigo de um programa de acções integradas luso-britânicas foi ainda possível a colaboração, durante uma semana, dos arqueólogos ingleses: Julian Thomas (Universidade de Manchester), Colin Richards (Universidade de Manchester), Mark Edmonds (Universidade de York) e Lesley MacFayden (Universidade de Leicester)

A escavação incidiu no topo da colina de Castanheiro do Vento e permitiu identificar um conjunto de estruturas circulares, semicirculares e a continuação dos muretes 2 e 3.

Descrição dos trabalhos

Esquemáticamente foram efectuadas as seguintes acções:

1. Desmatação da vegetação arbustiva;
2. Limpeza e quadriculagem da área a intervir, na continuidade do que havia sido feito em 2005. Continuou-se a acção de desobstrução das várias zonas, retirando as muitas pedras acumuladas, de forma caótica, dispersa ou concentrada, pelos trabalhos agrícolas que ali se faziam;

¹ Faculdade de Letras (DCTP), Universidade do Porto. E-mail: vojorge@clix.pt

² Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. E-mail: jmurilha@gmail.com

³ Estudante de Doutotamento, Universidade do Porto. Bolseira FCT. E-mail: ana.m.vale@gmail.com

⁴ Politécnico de Tomar. Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. E-mail: gonvelho@gmail.com

3. Decapagem superficial (dificultada pelas raízes dos carrascos que são abundantes e profundas), e registo das estruturas visíveis ao nível de uma planta geral, inteligível do sítio. Este trabalho permitiu a identificação das estruturas que passamos (resumidamente) a apresentar:

“Bastiões”

Durante a campanha de 2006 foi possível reconhecer os limites de cinco unidades, apelidadas de Bastiões, integradas no Murete 2. Já por diversas vezes chamámos a atenção para a utilização desta palavra, mas sublinhamos que não é por nós referida associada a um significado funcional militarista, mas tão só para mencionar estruturas de base pétreo, semi-circulares, que se desenham como protuberâncias (para o exterior) integradas nos muretes.

Todas as estruturas identificadas este ano não apresentavam estruturas de fecho/condenação, como se identificou nos bastiões integrados no M1 (JORGE, V.O et al, 2002 a) e tal como já descrito (JORGE, V.O et al, 2006 b), relativamente à campanha de 2005, os bastiões detectados no M2 apresentam uma forma em “D”.

Todavia nenhuma destas estruturas foi alvo de uma escavação em profundidade.

Os apontamentos transcritos para este texto advém de uma escavação superficial que procurava apenas identificar os limites (interno e externo) dos muretes.

Bastião Q

Localiza-se na área norte da estação arqueológica. A largura do murete que perfaz o bastião é de cerca de 1,50 metros, e a abertura do vão é de cerca de 4,40 metros.

O embasamento pétreo da estrutura foi realizado “encaixado” no afloramento xistoso, ainda que não aproveite a rocha de base para delinear as suas faces (interna ou externa) como foi registado em outras estruturas.

No seu espaço interior foram registados quatro buracos de poste (dois em xisto e granito, um em xisto e quartzito e outro apenas em xisto)

Encontra-se numa área onde se identificaram várias estruturas circulares ou semi-circulares, tanto no espaço interno do bastião como para Norte (no exterior do recinto principal).

Bastião R

Localiza-se a noroeste. A largura do murete varia entre 1,30 e 1,40 metros e apresenta uma abertura de vão de cerca de 4,30 metros. O seu limite externo encontra-se aparentemente mais destruído do que nas outras estruturas semelhantes.

Bastião S

Localiza-se genericamente na zona norte do sítio arqueológico. O murete que delinea este bastião tem uma largura variável, entre 1,45 e 1,70 metros, e o vão mede cerca de 5,80 metros.

Na elaboração da estrutura foi utilizado o afloramento rochoso para delinear parte da sua face interna. No interior do murete foram registados diversos fragmentos de granito.

No espaço interno do Bastião S encontra-se a estrutura circular nº 20 e uma bolsa de terras castanhas escuras.

Bastião T

Localiza-se na área oeste. A largura do murete varia entre 1,50 e 1,70 metros apresentando uma abertura de vão de cerca de 7,60 metros.

No seu interior foram registados cinco buracos de poste dos quais quatro se encontram relativamente próximos entre si e da face interna do bastião (a SW), e um outro isolado, (a norte dos restantes quatro).

O troço de murete, com orientação SE, apresenta contornos pouco definidos, onde se identifica bastantes blocos (pequenos) irregulares de quartzo, o que poderá denunciar uma possível interrupção ou alteração posterior do murete. No troço com orientação NE, algumas lajes de xisto que constituem a face interna e externa encontram-se deslocadas.

No interior do muro foi registado uma laje de xisto azul e dois blocos de quartzo facetados integrados na delimitação interna e externa da estrutura.

Identificou-se ainda uma estrutura, junto ao arranque (a Norte) do bastião, de contornos subcirculares que poderá ser posterior ao Bastião T e estará conectado com uma estrutura de combustão.

Bastião U

Localiza-se na área oeste do sítio. O murete apresenta uma largura variável entre 1,50 e 2,00 metros e um vão de cerca de 7 metros.

Apenas se decapou a área do murete, o interior não sofreu qualquer tipo de intervenção. (Fig 5)

Passagens

Passagem 10

Localiza-se entre o Bastião Q e o Bastião S, e apresenta uma orientação NW/SE.

Tem de largura cerca de 1 metro.

Detectou-se uma estrutura de fecho que ocultou a passagem pela construção de uma linha que liga os dois troços de murete (antes interrompidos pela entrada). A estrutura de condenação continha estelas em xisto azul e no seu limite a sul foi registado um conjunto de lajes de xisto, colocadas na vertical e de forma transversal às lajes que desenham a passagem.

Este nível de colmatação foi escavado e detectou-se um segundo nível de lajes de xisto de média e pequena dimensão envoltas num sedimento de cor amarela, de matriz argilosa. (Fig. 6)

Passagem 11

Localiza-se entre o Bastião Q e o Bastião R e possui uma orientação NNW/SSE, com uma largura de cerca de 2 metros.

Ao contrário das outras passagens detectadas não interrompe um segmento de murete mas os seus limites são delineados pelo arranque dos muretes de dois bastiões.

Aparentemente é constituída por um sistema de patamares (para SSE) formado por lajes de xisto colocadas na horizontal e dispostas em arco. A escavação desta estrutura permitiu registar dois possíveis patamares (que se desenvolvem a cotas diferentes – com cerca de 20 cm de intervalo).

Na área correspondente à passagem 11 foi registado um nível de pequenas lajes e blocos de xisto com muitos fragmentos cerâmicos e pequenos blocos irregulares de quartzo e ainda uma laje com fossetes e uma outra com um orifício.

Na área SSE detectou-se uma bolsa de sedimento de cor castanha escura.

Passagem 12

Localiza-se entre o Bastião T e o Bastião U, apresenta uma orientação no sentido W/E, e tem de largura cerca de 0,80 metros.

Identificou-se o que usualmente se apelida de soleira, no seu extremo oeste, caracterizada por uma laje de xisto colocada na horizontal e de forma transversal às lajes e blocos de quartzo que delimitam a entrada.

No seu interior registaram-se quatro lajes afeiçoadas e um buraco de poste junto ao limite NE da entrada.

Junto ao limite exterior da passagem (a oeste) identificaram-se duas estruturas circulares (com a referência 23 e 24).

Passagem 13

Localiza-se a leste do Bastião S, com uma orientação NE/SW, e apresenta uma largura de cerca de 0,60 metros.

Não foi identificada qualquer estrutura de fecho/colmatação e situa-se numa área onde o murete não apresenta um traçado contínuo, sendo conseguido por segmentos de muro descontínuos de forma sub-retangular.

Estruturas circulares

Caracterizam-se por um contorno genericamente circular, cujos limites são efectuados por lajes de xisto dispostas na horizontal.

Estrutura 17

Aparentemente trata-se de um semicírculo, e parece “encostar” aos contrafortes da Torre. No entanto, podemos também propor, neste momento, que a Estrutura 17 não se relaciona com a estrutura de contrafortagem da Torre, sendo anterior à sua elaboração. Contudo, apenas a continuação dos trabalhos de escavação permitirá esclarecer este ponto.

No seu interior registou-se uma estrutura subcircular, definida também por lajes de xisto colocadas na vertical, e a sua escavação permitiu observar que estava “preenchida” com terras argilosas amarelas e cascalho de xisto, com escasso material arqueológico.

Estrutura 18

De forma subcircular, aproveita o afloramento para definir os seus contornos.

Parece ter uma passagem com orientação, genericamente, E/O, conectada com um buraco de poste (formado por pequenos blocos de xisto, dois fragmentos de movente em granito e um seixo rolado)

No seu interior foi identificado um alinhamento subcircular constituído por lajes de xisto e um buraco de poste

Estrutura 19

De contornos subcirculares, parece integrar uma estrutura no centro e uma possível entrada orientada genericamente a NE/SW.

É reforçada por uma segunda linha no interior, ou seja, parecem existir dois alinhamentos paralelos de forma concêntrica que delimitam esta estrutura.

Estrutura 20

Localiza-se na área interna do Bastião S e parece comportar uma entrada orientada NE/SW. Após a decapagem do seu interior registou-se um nível constituído por pequenas lajes de xisto de média dimensão, fragmentos de moinhos manuais em granito, fragmentos cerâmicos e pequenos blocos irregulares de quartzo.

A leste da estrutura, entre o seu limite e duas lajes de xisto, detectou-se uma “mancha” de contornos circulares com sedimentos escuros que não foi escavada. (Fig.7)

Estrutura 21

Localiza-se a leste do Bastião S, no exterior do recinto principal.

Integra uma possível entrada orientada a NW/SE e os seus contornos são conseguidos por lajes de xisto e um dormente em granito fracturado dispostos na vertical. Tal como na Estrutura 19 foi registada uma segunda linha de lajes de xisto, descontínua, que poderia servir como amparo das lajes “principais”.

A decapagem superficial revelou um nível pétreo constituído por lajes e blocos de xisto de pequena e média dimensão.

Estrutura 22

Situa-se na área oeste da estação, junto ao Bastião T, no interior do recinto principal. Apenas se detectou parte dos seus limites.

Estruturas 23 e 24

Localizam-se na área Oeste do sítio, no exterior do Recinto Principal, junto à Passagem 12.

Os seus contornos a oeste ainda não se encontram definidos.

Tratam-se de estruturas geminadas, ou seja, partilham a dado momento a mesma linha para estabelecer os seus limites. Parecem apresentar várias linhas concêntricas de lajes de xisto dispostas na vertical para formar os seus limites

Talude Norte

Estrutura elaborada por lajes de xisto dispostas de forma paralela e perpendicular entre si, de forma a criar um jogo de forças e resistência num plano inclinado. Ao longo do talude detectaram-se alinhamentos de tendência curva que ajudam a estruturar e a sustentar esta estrutura. Aparentemente, o murete 1 (M1) entronca no Talude Norte (identificado ao longo de 6 metros de extensão).

Este talude encontra-se parcialmente destruído pela abertura de um caminho mas deverá estender-se por toda a vertente Norte e Oeste do sítio de Castanheiro do Vento.

Área Sul

Nesta área detectou-se o extremo sul do Bastião P, uma possível passagem, um troço de murete (M3) e o arranque do que será o Bastião V.

Esta área apresenta uma série de reformulações. Aparentemente entronca no M3 um troço de murete (com orientação NE/SW), no qual se detectou dois momentos de elaboração, materializados pela existência de duas faces externas, uma no interior do murete (correspondente a um primeiro momento) e outra que delinea a “actual” face externa do muro. Este murete desenha ainda um arco entre o Bastião P e o M3 (para o exterior do Recinto Principal), interrompido pela Passagem, nº 9 (identificada em 2005).

Área Norte

Entre a passagem 13 e o troço de murete que finaliza o M2 (escavado em 2005) detectou-se um espaço definido por uma série de segmentos de muro cujos limites (principalmente para Norte) não se encontram definidos.

Estas estruturas apresentam um carácter rectilíneo e parecem denunciar sucessivas remodelações, como o demonstram o espessamento destes segmentos de muro.

Junto ao troço de murete do M2 detectaram-se três alinhamentos pétreos de tendência curvilínea. Encontram-se num sedimento castanho acinzentado escuro, com carvões e pouco compacto.

Área entre a Torre e o Talude Norte

Trata-se de uma plataforma bastante destruída caracterizada pela existência de um conjunto de estruturas subcirculares e semicirculares definidas por pequenas pedras de xisto, quartzo, de quartzito (seixos rolados) e de fragmentos ou peças completas de moinhos manuais (essencialmente dormentes) em granito.

Materiais

Durante a campanha de 2006 foi exumada uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, maioritariamente lisos. Os decorados apresentam sobretudo a técnica de impressão penteada (curvilínea e/ou rectilínea). Identificaram-se, também, dois fragmentos cerâmicos com decoração campaniforme (ainda em fase de estudo).

O material lítico é composto por peças em quartzo, como pontas de seta, raspadores, raspadeiras e bastantes percutores (muitos dos quais faziam parte integrante dos embasamentos pétreos das estruturas ou localizavam-se juntos às faces dos muretes).

Foram também detectadas “estelas”, ou seja, lajes de xisto azulado, afeiçoadas, de forma trapezoidal. Localizam-se, preferencialmente, integradas na delineação de espaços ou no colmatar de estruturas (como por exemplo na passagem nº10).

Detectou-se igualmente um fragmento de lingote, que se encontra em análise, assim como um punção (em cobre?).

Registaram-se ainda duas peças em metal que aparentemente recaem na Idade do Ferro ou Época Romana. Estes artefactos juntam-se a um outro conjunto de peças metálicas detectadas em campanhas anteriores que por analogias tipológicas nos remetem para os períodos referidos.

Algumas considerações gerais

As escavações durante os meses de Julho e Agosto de 2006 em Castanheiro do Vento permitiram a continuação do estudo do Murete 2 e do Murete 3, a identificação de cinco unidades tipo Bastião, oito estruturas circulares e três passagens. Avançou-se também com a análise de áreas a norte e a sul do sítio que revelaram uma grande complexidade estrutural.

As áreas intervencionadas denunciaram espaços continuamente vivenciados, o que se materializa pela aparente adição sucessiva de estruturas ou pela reformulação e transformação de certos locais. Apresentamos três exemplos:

1. Na zona Norte do sítio de Castanheiro do Vento identificou-se uma série de unidades: três estruturas circulares desenvolvem-se a partir do espaço interno do Bastião Q até à Passagem 11. No interior destas estruturas circulares foram elaboradas estruturas semi-circulares ou sub-circulares. Entre as estruturas, diversos buracos de poste sugerem a presença de troncos em madeira que sustentariam qualquer tipo de cobertura (isto se aceitarmos todas as tipologias de

estruturas que foram adquiridas pela Arqueologia Pré-Histórica e de todas as funcionalidades que lhe estão associadas). (ver Fig. 8)

2. Na área Sul, parece compreender-se uma série de reformulações nos muretes, e uma elaboração sucessiva de segmentos de muros que criam novos espaços e outras possíveis passagens. A linha pétreia que “liga” o Bastião P ao Bastião V apresenta-se, hoje, confusa, desdobra-se em alinhamentos, interrompe-se, forma arcos mais pronunciados... (ver croquis, Fig. 3)
3. Na área oeste, entre o Bastião T e o Bastião U, identificou-se a Passagem 12. Junto a esta passagem, no exterior do Recinto Principal, registaram-se duas estruturas circulares geminadas. Estas estruturas estão tão próximas da passagem que barram a circulação que poderia ser efectuada pela entrada. Mas, poderíamos imaginar que o acesso ao Recinto Principal se faria, neste caso, pela passagem primeiro pelas estruturas circulares, de pequena dimensão, e de depois se passaria pela entrada (ou pela interrupção no murete 2). Ao nível basal das estruturas circulares não foi detectada qualquer entrada, contudo esta poderia apenas existir a uma cota mais elevada, o que levaria a supor a existência de um tipo de soleira. (ver Fig. 9)

No entanto, estas estruturas podem não ser contemporâneas. E esta observação pode aplicar-se aos três exemplos dados anteriormente. Torna-se extremamente difícil estabelecer uma cronologia fina para o sítio de Castanheiro do Vento. Isto porque, geralmente as estruturas “encostam” e são elaboradas no mesmo depósito (que apesar de revelar particularidades em alguns locais do sítio, se caracteriza essencialmente por uma coloração amarela e uma textura argilosa, de grão fino, o que o torna, quando muito seco, polvorento). Além disso as datas de C14 apenas nos indicam grandes linhas cronológicas, balizas para grandes momentos. E os elementos indicadores de cronologia relativa apontam para intervalos temporais ainda maiores.

No entanto, as estruturas de Castanheiro do Vento parecem comportar um carácter relacional. Independentemente de se saber o que foi construído antes ou depois, Castanheiro do Vento aparece-nos como um labirinto, de múltiplos caminhos e apreensões de espaços. Espaços que aparentemente são continuamente vividos, elaborados, reelaborados, onde, o acto de fazer é de grande importância.

Mas, na impossibilidade de estabelecer uma cronologia fina para Castanheiro do Vento, e atendendo novamente aos exemplos antes apresentados, deparamo-nos com um outro problema: como experimentar Castanheiro do Vento? Dito por outras palavras, a percepção que temos hoje do sítio, para além de ser uma experiência pessoal, é de um sítio que se abre a uma imensa paisagem para leste, que não tem grandes constrangimentos físicos para chegar, por exemplo, à Torre Principal, saltam-se muretes, atravessam-se estruturas circulares... e chegados à Torre as imagens para leste do sítio são genericamente semelhantes àquelas que eram sentidas antes de cruzar o Murete 1. Como experimentamos o sítio? Por onde entramos e onde entramos? Que estruturas rodeamos?

Os trabalhos de escavação durante a campanha de 2006 aportaram também uma nova apreensão do sítio para a sua vertente Norte e Oeste. De facto, de Castanheiro para oeste experimenta-se uma paisagem

diferente daquela que se tem para leste. Para ocidente, o horizonte visual não se espraia e esbarra com uma elevação que aflora muito perto do morro de Castanheiro do Vento.

Também durante a escavação do Talude Norte, se sentiu de forma mais efectiva o declive do terreno nesta área. Se de Castanheiro do Vento se tem uma multiplicidade de imagens que se desdobram em cada olhar, também o sítio é apreendido de formas diferentes de diversos espaços circundantes. Como vivencia o arqueólogo o território em que se insere o seu estudo? Como olha e estuda a paisagem? De uma forma contemplativa? Ou tem uma altitude activa, interventiva? Ou dito por outras palavras, será um simples consumidor de imagens (estetizadas) ou é um produtor criativo de “paisagens”? Trabalha sobre a paisagem (representando-a) ou com a paisagem?

A forma como o arqueólogo se situa no seu estudo, influi directamente no discurso que elabora sobre a estação arqueológica que investiga. Pensamos que sítios como Castanheiro do Vento, não podem ser entendidos como concentrações de matérias inertes, que em algum momento foram dotadas de significados, (que o arqueólogo tentará interpretar), mas como um conjunto de práticas contínuas que resultaram nas materialidades que hoje procuramos (e) estudamos. Como biografias, não para procurar um começo e um fim dos sítios, mas para contar uma possível história, a mais plausível, no entender de quem a cria. O mesmo se aplica aos fragmentos cerâmicos, à ponta de seta ou ao percutor; são materialidades portadoras de uma biografia. (segundo o antropólogo inglês, Tim Ingold). E cada uma destas “realidades” (murete, estrutura circular, fragmento cerâmico, barro de revestimento, lasca de quartzo...) têm de ser estudados de forma interligada, onde o próprio investigador (com as suas experiências e anseios, com as suas leituras e ideias feitas) se imiscui, numa tentativa de coser todos os intervenientes, e colocar novamente os sítios no seu espaço. Mas esta ligação faz-se por meio de pessoas, dos seus movimentos e actividades, pelo estudo das possíveis relações que se estabeleceram com Castanheiro do Vento e das ligações que hoje fazemos com os espaços.

Reconhecemos que predomina a ligação visual, e é, neste momento, o sentido de que mais nos socorremos para estabelecer conexões espaciais. O que se vê, de onde, como se vê, o que era para ser visto, o que se ocultaria. Contudo, um de nós (JM) encontra-se já a terminar um trabalho que contraria esta atitude mais contemplativa, estudando de perto um território (de estudo).

Bibliografia

- ANDREWS, M., (1999), *“Landscape and Western Art”*, Oxford History of Art, Oxford University Press.
- INGOLD, T. (2000). *“The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill.”* London: Routledge.
- JORGE, S. O. (2005). *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento.

- JORGE, S. O., JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S. COIXÃO, A.S., (2004), “Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”, *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.
- JORGE, V. O. (2003). *A Irrequietude das Pedras. Reflexões e Experiências de um Arqueólogo*. Porto, Edições Afrontamento.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002 a), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)” *Coavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2002 b), “Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal”, *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp. 36-50.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 a), “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp. 5-24.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 b), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio de Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 5
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 c), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998 – 2002), *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, Porto, ADECAP.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2003 d), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa)”, *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, DCTP, FLUP/ CEAUP, FCT, pp.79-114.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M. (2004), O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório, *Coavisão, Cultura e Ciência*, 6, pp. 97-139
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S. (2005), “Morfologia Construtiva do Recinto Pré-Histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas de “estruturas de condenação”, *Almadan*, II série, nº13, pp.25-35.

- JORGE, V.O., with the assistance of CARDOSO, J.M., VALE, A.M., VELHO, G.L. PEREIRA, L.S. (2006 a), Copper Age “monumentalized hills” of Ibéria: the shift from ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques place and space as results of a research experience in the NE of Portugal, *Approaching “prehistoric and protohistoric architectures” of Europe from a “Dwelling Perspective”*, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 8, special issue, Porto, ADECAP, PP. 203-264.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M., VELHO, G.L. (2006 b), “Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005. Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), *Coavisão, Cultura e Ciência*, 8.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., PEREIRA, L.S., VELHO, G.L. (2006 c), “Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2006, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, vol. 6, Porto.
- JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., PEREIRA, L.S., VELHO, G.L. (2006 d), “Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005, *Portugália*, nova série, Porto.
- JORGE, V.O., CORREIA, M. (eds), (2006), “*Terra: forma de construir. Arquitectura. Antropologia, Arqueologia. 10ª Mesa Redonda de Primavera*. Lisboa/Vila Nova de Cerveira, Argumentum / Escola Superior Gallaecia.
- MCFAYDEN, L. (2006). “Material culture as architecture” in *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. *Journal of Iberian Archaeology*, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, pp.91-102.
- THOMAS, J. (2001). “Archaeologies of Place and Landscape” in *Archaeological Theory Today*, (ed. I. Hodder), Cambridge: Polity Press, pp.165-186.
- THOMAS, J. (2004). *Archaeology and Modernity*, London: Routledge.
- THOMAS, J. (2006). “From dwelling to building” in *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. *Journal of Iberian Archaeology*, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, pp.349-359.

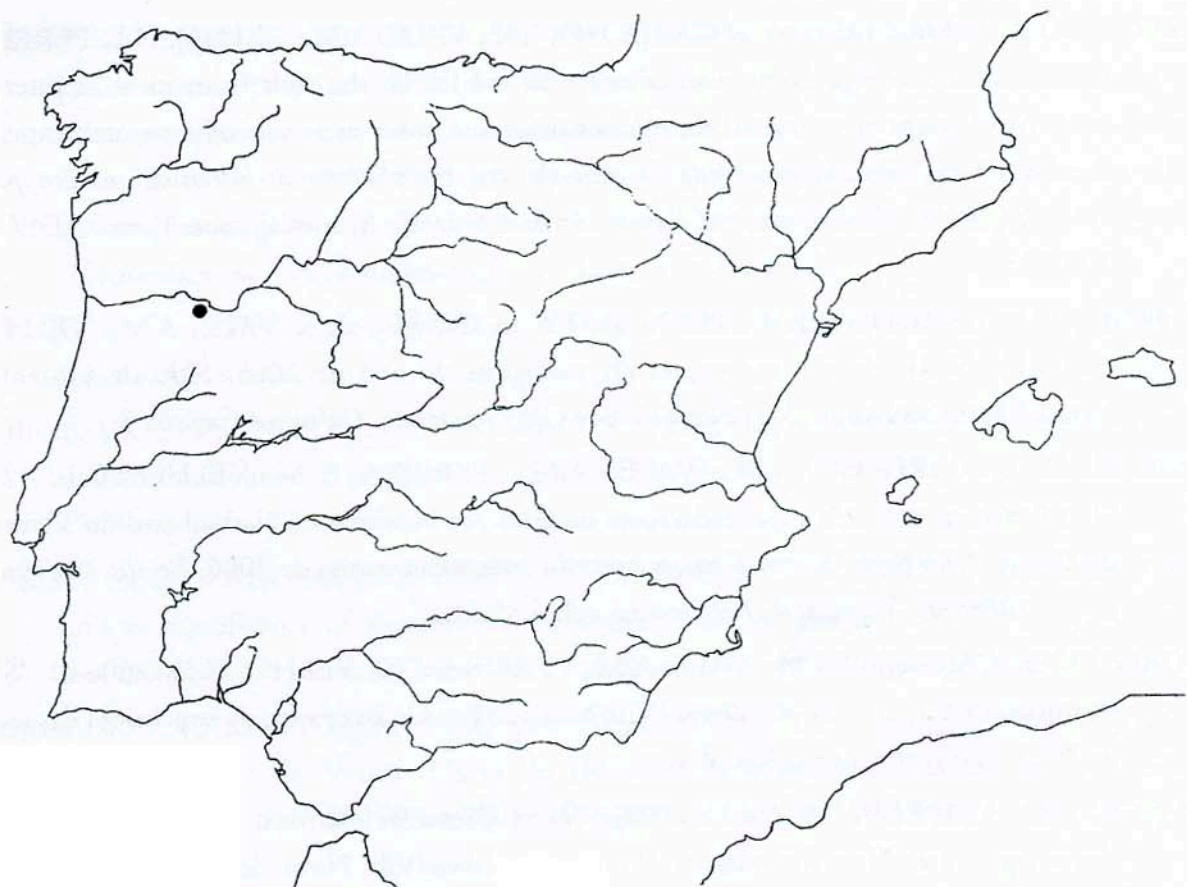


Fig. 1 – Localização da estação arqueológica de Castanheiro do Vento na Península Ibérica. Situa-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, no Noroeste de Portugal. Segundo a Carta Militar de Portugal, à escala 1:25 000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41°03'49" Lat.N.; 07°19'18" Long.W.Gr.



Fig. 2 – Aspecto do morro de Castanheiro do Vento visto de NNW. Castanheiro do Vento implanta-se num monte de substrato xistoso de planta subcircular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros.

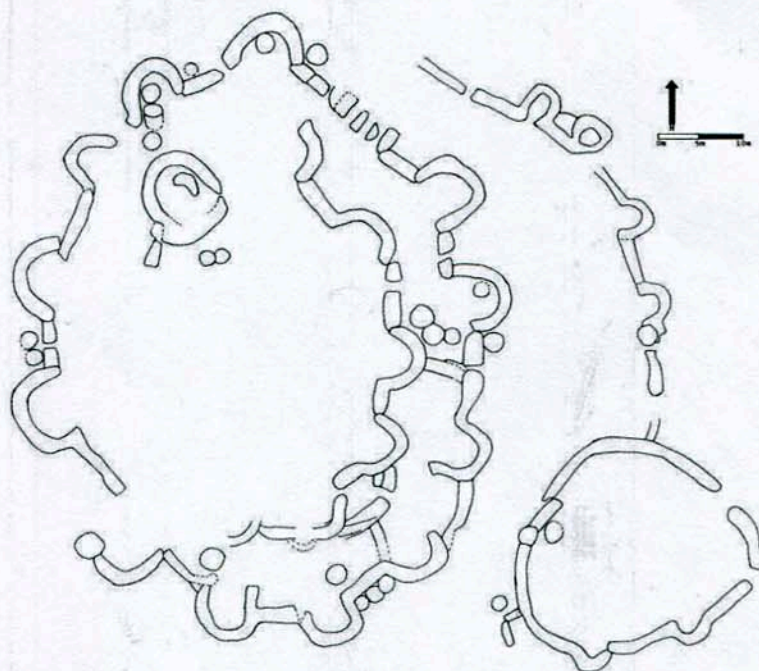


Fig. 3 – Croquis geral do sítio de Castanheiro do Vento (após a campanha de escavações de 2006). Estamos perante uma “colina monumentalizada” marcada pela presença do Homem desde o Calcolítico/ primeira metade da Idade de Bronze (entre c. 2900 a 1500 a.C.).



*Fig. 4. Aspecto dos trabalhos de campo durante a campanha de 2006.
Fotografia retirada do Recinto Principal, de SW/NE.*



*Fig. 5 – Pormenor do “Bastião” U. Trata-se de uma estrutura semicircular integrada no Murete 3
(na área oeste do sítio)*



Fig. 6 – Passagem 10. Pormenor de um momento de escavação, relacionado com o fecho da estrutura, estruturado com lajes de xisto e estelas (placas de xisto azul afeiçãoadas de forma trapezoidal).



Fig. 7 – Estrutura circular 20. Localiza-se na área Norte do sítio, no espaço interior do “Bastião” S. é delimitada por um conjunto de lajes de xisto fincadas de forma circular. No seu interior registaram-se fragmentos de dormentes em granito, fragmentos cerâmicos e peças em quartzo.

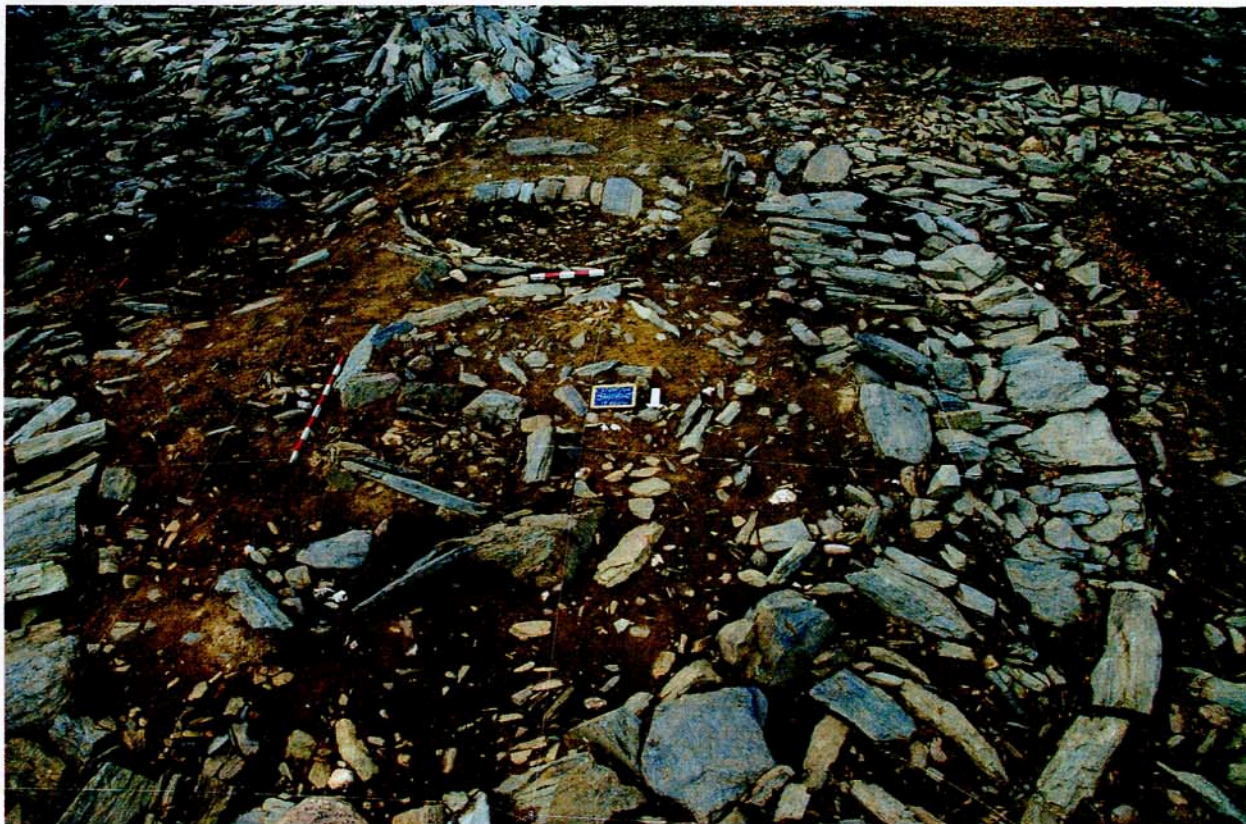


Fig. 8 – Área Norte do sítio de Castanheiro do Vento. Aspecto do “Bastião” Q e das estruturas circulares que se desenvolvem do seu interior até à passagem 11.



Fig. 9 – Pormenor da Passagem 12 e das estruturas geminadas 22 e 23.